

Estandartes de Frevo: suporte documental da cultura e sociedade pernambucanas

Laura Mendes Selva

Mestranda em Ciência da Informação

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0006-0783-3912> E-mail: laura.selva@ufpe.br

Erinaldo Dias Valério

Doutor em Ciência da Informação

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-6553-3778> E-mail: erinaldo.dias@ufpe.br

Submetido em: 05-07-2024 Reapresentado em: 13-08-2024 Aceito em: 22-08-2024

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar como os estandartes atuam como suporte documental colaborando com a preservação da cultura e memória do frevo. Para alcançar tal objetivo, a pesquisa fez uso de ferramentas metodológicas tendo como base o Método Quadripolar de Paul De Bruyne, Jacques Herman e Marc Schoutheete (1977), agregado a isso a revisão bibliográfica, o estudo de caso e a descrição, para que seja possível construir uma investigação com base teórica sólida junto ao recorte social escolhido. Com isso, as contribuições teóricas dos autores Paul Otlet, Suzanne Briet, Niels Lund, Bern Frohmann e Michael Buckland foram utilizadas para compreender o conceito de documento e suas aplicações, considerando também os objetos materiais tridimensionais enquanto suporte documental. Em suma, obteve-se enquanto resultado que o estandarte carrega consigo informações relevantes para identificar e representar grupos sociais, por causa das relações objetivas e subjetivas que são estabelecidas entre eles. Tendo em mente que esta não é a primeira nem a última análise acerca dos estandartes carnavalescos, enfatiza-se que este é um instrumento de difusão do

conhecimento e de estímulo à reflexão sobre os objetos materiais que carregam consigo vestígios da história, cultural e memória social.

Palavras-chave: agremiações de frevo; documento; estandartes; Pernambuco.

Frevo Banners: documentary support of Pernambuco culture and society

ABSTRACT

The objective of this article is to investigate how banners act as documentary support, helping to preserve the culture and memory of frevo. To achieve this objective, research made use of methodological tools based on the Quadripolar Method of Paul De Bruyne, Jacques Herman and Marc Schoutheete (1977), added to this the bibliographical review, case study and description, so that it is possible to build an investigation with a solid theoretical basis within the chosen social profile. With this, the theoretical contributions of authors Paul Otlet, Suzzane Briet, Niels Lund, Bern Frohmann e Michael Buckland were used to understand the concept of document and its applications, also considering three-dimensional material objects as document support. In short, the result was that the banner carries relevant information to identify and represent social groups, because of the objective and subjective relationships that are established between them. Bearing in mind that this is neither the first nor the last analysis of carnival banners, it is emphasized that this is an instrument for disseminating knowledge and encouraging reflection on material objects that carry traces of history, cultural and social memory.

Keywords: frevo associations; document; banners; Pernambuco.

1 INTRODUÇÃO

Pernambuco é um estado do nordeste brasileiro conhecido por sua multiculturalidade, assim como por suas manifestações culturais e artísticas que marcam a identidade e a história de seu povo, como por exemplo: as festas carnavalescas e o ritmo do frevo. Esses elementos possuem tanta importância que vários são reconhecidos como patrimônios imateriais, no âmbito estadual, federal e mundial¹, entre eles estão: a Roda de Capoeira e o Frevo, registrados no âmbito federal e mundial.

¹ Ver detalhes em: <https://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2014/06/1-OK-LISTA-DE-BENS-REGISTRADOS-EM-%C3%82MBITO-ESTADUAL.pdf>.



A Festa de Agosto de São Lourenço da Mata, a Bandas de Pífano de Pernambuco, a Festa do Morro da Conceição, o Reisado de Pernambuco, a Celebração dos Primeiros Bonecos Gigantes de Pernambuco – Zé Pereira e Vitalina, surgidos em Belém de São Francisco, e a Produção Artesanal e Práticas Socioculturais Associadas ao Bolo de Noiva de Pernambuco, registrados pelo âmbito estadual; e, o Choro, as Matrizes do Forró, o Repente, a Ciranda do Nordeste, a Literatura de Cordel, o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste – Mamulengos, o Ofício das Baianas de Acarajé, a Feira de Caruaru, os Ofícios de Mestres de Capoeira, o Cavalo Marinho, o Caboclinho, o Maracatu Nação e o Maracatu de Baque Solto, reconhecidos em âmbito federal.

Todas essas festividades, práticas, tradições e ofícios culturais carregam consigo elementos que marcam a identidade de grupos sociais, que por sua vez se expressam por meio de símbolos e significados, reforçando a noção de pertencimento e reconhecimento identitário. Essa afirmativa pode ser vista no artigo 216 da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), onde os direitos e deveres do patrimônio imaterial são assegurados por serem “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Atualmente, é possível visualizar que as relações com os elementos que fazem parte da cultura popular têm ganhado cada vez mais visibilidade, pois, social, econômica e politicamente, as culturas eram – e, infelizmente, ainda são – divididas de acordo com as classes sociais. Chauí (2008), em sua produção “Cultura e Democracia”, mostra que essa divisão cultural acontece de maneira naturalizada, uma vez que a própria divisão cultural é uma prática consolidada.

Sabe-se que a disparidade entre a cultura popular e a, dita, erudita ocorre por causa do entendimento social do que é bom e o que é mal, do que é belo e do que é feio, do que representa e do que causa estranheza, e observando essa dissonância através do cunho político observa-se que a cultura popular é vista como “[...] aquilo que é elaborado pelas classes populares e, em particular, pela classe trabalhadora, segundo o que se faz no polo da dominação, ou seja, como repetição ou como contestação, dependendo das condições históricas e das formas de organização populares”, e por vezes não é bem recebido pela classe elitista (Chauí, 2008, p. 59).

De fato, se observarmos como a maioria das manifestações culturais pernambucanas surgiram identificam-se, em sua maioria, as influências diretas com grupos e locais marginalizados, seja por motivos econômicos e raciais, seja, até mesmo, religiosos. A título de exemplo pode-se verificar o frevo. Os primeiros indícios de um clube de frevo surgiram no século XVIII, em época de festejos de ternos de Reis, quando se observava cortejos de trabalhadores portuários, seguindo ao som de marchas e músicas improvisadas (Barbosa, 2016). Apesar de se assemelhar aos cortejos atuais dos clubes de frevo, em meados do século XX a palavra frevo estava mais relacionada ao contexto social, cultural e político, em uma época que a rebeldia se revelava derivadas de ideias nacionalistas e abolicionistas “Com a abolição da escravatura, as classes populares ampliam sua participação na promoção dos festejos de Carnaval e passam a ocupar os espaços públicos” (Barbosa, 2016, p. 13).

Fortemente marcado por urgências sociais e políticas, o frevo é compreendido enquanto expressão musical, poética e coreográfica, seja de forma individualizada ou coletiva, abarcando os diferentes grupos para reivindicar enquanto se contagiam com o ritmo rápido. No espaço urbanizado do Recife-PE, o frevo encontrou seu lugar e foi identificado “com os anseios populares em um ambiente de trocas, negociações e tensões entre o poder público e a população, compreendido como um espaço produtivo das táticas de sobrevivência dos grupos pobres no contexto da escravidão urbana” (Barbosa, 2016, p. 14).

Neste sentido, o ritmo que hoje arrasta multidões nos festejos carnavalescos originou-se com intuito de fazer revolução na sociedade, mostrando que as pessoas podem, e devem, usufruir de seus direitos e deveres, mesmo que sejam segregadas, injustamente, por demarcadores sociais como: seus gêneros, suas opções sexuais, suas religiões e crenças, suas cores de pele e suas situações econômicas.

Agregando ao seu objetivo, o frevo possui elementos característicos inconfundíveis. As agremiações de frevo, por exemplo, são entendidas enquanto grupos formados em prol de estabelecer troças e clubes e são divididas em quatro categorias, sendo elas: Troças; Bloco de pau e corda; Clubes de frevo; Clubes de boneco. Cada tipologia possui simbolismos muito específicos que se distinguem entre si e se complementam na mesma medida, mas fazem uso de elementos visuais com o mesmo intuito: marcar suas identidades no tempo e no espaço.

Entre as expressões visuais está um objeto que ganha destaque: o estandarte. “O estandarte é um dos primeiros e mais importantes meios de expressão visual do frevo. Ele é

uma bandeira que identifica as agremiações (troça ou clube), com seus nomes, cores, ano de fundação, ano de confecção do estandarte e símbolo” (Barbosa, 2016, p. 46).

Apesar de ser tão importante no carnaval pernambucano, ele originou-se muito longe do Brasil, com funções religiosas inclusive. Em conformidade com Valente (1991), na Itália antiga, utilizavam gonfalões² como forma de cultuação e impressão de símbolos que representavam grupos sociais e militares. Além disso, Benjamin (1990) também afirma a utilização desse artefato como elemento de identificação, principalmente porque exibia os brasões da nobreza e do clero, sendo exposto em celebrações públicas ou apenas como forma de marcar território e poder.

No Brasil, o objeto popularizou-se no período colonial com a mesma finalidade de identificar e representar grupos da alta classe, mas também nas procissões religiosas, chamado de pendão caracterizado como uma bandeira extensa que sucedia os distintivos de corporações na Idade Média e no Brasil Colônia (Silva, 2019). Estava sempre posto à frente do cortejo empunhada sempre por um homem “como se fosse uma enorme vela de um barco fenício [...] a arrastar toda uma multidão nas festas dos padroeiros e solenidades em que participava a Câmara Municipal” (Silva, 2019, p. 336).

Originado no Brasil ou não, representando grupos da alta classe ou grupos marginalizados, é indiscutível que o estandarte ganhou força e prestígio e se consolidou até hoje nas festividades populares. Mais do que um artefato visual, o estandarte carrega consigo a identidade de uma agremiação, que por sua vez carrega a identidade de vários grupos sociais. Bem como a manifestação cultural da qual faz parte, o estandarte perpétua identidade e memória, sendo um forte suporte para documentar a história da humanidade.

O ato de documentar tem um importante papel na preservação da história e da memória, sendo uma discussão constante no esboço da Ciência da Informação. Nesse cenário, a questão problema que orienta esta pesquisa é: **de que modo é possível discutir os estandartes do frevo enquanto documento nos esboços da Ciência da Informação?** Para tanto, o objetivo deste artigo é investigar como os estandartes atuam como suporte documental colaborando com a preservação da cultura e memória do frevo. A importância dessa análise se justifica pela relevância dos estandartes como elementos culturais e informacionais.

² Semelhante ao estandarte, também era hasteado e trazia informações pertinentes ao grupo em que pertencia (Valente, 1991).

A estrutura do artigo se apresenta com a introdução discutindo elementos da cultura e das tradições carnavalescas, bem como apresentando o objeto de estudo, seguido dos procedimentos metodológicos pautados em uma revisão de literatura e uma discussão teórica sobre os conceitos de documento na Ciência da Informação que podem pautar a justificativa do estandarte como artefato documental.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa foi escolhido o Método Quadripolar dos autores Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) por ser um método que distingue de forma pontual todo o caminho de uma pesquisa dividindo em quatro polos : a) o epistemológico: que compreende a introdução do trabalho visando explicar de forma concisa os objetos e problemática; b) o polo teórico: abarcando todo o referencial teórico que irá garantir o alcance dos objetivos e respostas às problemáticas; c) o polo morfológico: encontrado na conclusão dos resultados e análises, e; d) o polo técnico: parte crucial do trabalho pois se refere a metodologia. Os autores Armando Malheiros e Fernanda Ribeiro foram possivelmente os pioneiros a utilizar o Método Quadripolar na área da Ciência da Informação, em sua obra intitulada "Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação". Esse método foi adaptado e expandido na Ciência da Informação por ser possível através dele explorar mais minuciosamente o fenômeno da informação. O método então permite que seja feita uma análise que considere seus aspectos epistemológicos, teóricos, técnicos e morfológicos, abrangendo os paradigmas e aspectos informacionais. Ademais, auxilia na exploração de uma ciência transdisciplinar que é a Ciência da Informação (Silva, 2014).

Para desenvolvimento do referencial teórico foram escolhidas bases de dados que pudessem abarcar e recuperar temáticas necessárias à pesquisa. As estratégias de pesquisa utilizadas foram com operadores booleanos gerando as seguintes sequências: a) "Ciência da Informação" AND "documentação" AND "neo documentação"; b) "documento" AND "neodocumentação"; c) "Estandartes" AND "carnaval".

A Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) foi escolhida por conter um alto quantitativo de publicações recuperadas e úteis para pesquisa na área de Ciência da Informação. Além disso através do portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento

de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foram consultadas as bases Library, Information Science and Technology Abstracts (LISTA), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Web of Science visando uma recuperação maior, nessas bases as sequências lógicas foram utilizadas em língua inglesa.

Para pesquisar mais abrangentes que incluíssem cultura, estandartes e carnaval, foi utilizado o *Google Scholar* possibilitando a listagens de publicações de diferentes áreas. Ademais, as pesquisas que mencionam os estandartes e continham o assunto necessário para o andamento do estudo, não foram encontradas facilmente em meio digital sendo necessário expandir os campos de pesquisa partindo para análise documental na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e no Centro de Referência Paço do Frevo.

3 ESTANDARTE COMO DOCUMENTO

O estandarte é tido como um objeto indispensável nas agremiações de frevo por carregar a identidade do grupo cultural. Por este viés, também é possível coletar informações a respeito dessas práticas por meio deste artefato, uma vez que seu significado ultrapassa a materialidade. Neste estudo, visualiza-se a potencialidade de reconhecer o estandarte como um documento passível de estampar a memória e a história da sociedade, mas antes é preciso entender qual tipo de documento está sendo abordado.

Otlet (2018) trata o assunto de modo passível de apreender que todo objeto pode ser tratado como documento, uma vez que há uma diversidade significativa nos ambientes em que tais objetos estão inseridos, promovendo assim uma multiplicidade em suas relações com o meio. Todavia, junto a esta afirmação generalista vêm questionamentos específicos, como os levantados por Briet (1951), bibliotecária francesa, e discípula de Paul Otlet.

Uma estrela é um documento? Uma pedra levada pela torrente é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Mas as fotografias e os catálogos de estrelas, as pedras de um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos num zoológico são documentos³ (Briet, 1951, p. 7, tradução nossa).

³ Texto original: “*Une étoile est-elle un document? Un galet roulé par un torrent est-il un document? Un animal vivant est-il un document? Non. Mais sont des documents les photographies et les catalogues d'étoiles, les pierres d'un musée de minéralogie, les animaux catalogués et exposés dans un Zoo*” (Briet, 1951, p. 7).

Contudo, essa generalização questionada por Briet (1951) não foi a única teoria desenvolvida nas discussões sobre documentos. Nos esboços da Documentação, o documento se configura como objeto de estudo central, envolto de diversos conceitos.

Historicamente a Bibliografia era uma ciência restrita ao livro, tendo suas técnicas voltadas ao tratamento e conservação desse suporte. Porém, com o passar dos anos surgiram questionamentos quanto ao valor dado à biblioteca tradicional que restringia, quase como exclusividade, a importância dos livros em detrimento a outros suportes, nesse âmbito surgiu a Documentação (Rabello, 2009).

Com a Documentação o conhecimento começou a ser compreendido para além da bidimensionalidade dos livros, podendo estar expresso em outros tipos de suporte. Daí então, deu forças à produção "*Traité d' Documentation*" de Otlet (2018), revolucionando o campo documental ao qualificar o documento com um aspecto mais amplo que não se restringia apenas ao suporte em papel.

[...] não apenas o livro propriamente dito, manuscrito ou impresso, mas também revistas, jornais, textos escritos e reproduções gráficas de qualquer espécie, desenhos, gravuras, mapas, esquemas, diagramas, fotografias, etc. A documentação no sentido lato do termo abrange o livro, isto é, meios que servem para representar ou reproduzir determinado pensamento, independentemente da forma como se apresenta (Otlet, 2018, p. 11).

E para além disso, Otlet (2018) apontou que o documento se divide em dois critérios: 1) uma obra feita pelo homem, resultado de atividade intelectual; e, 2) qualquer objeto produzido pela civilização e que cause efeitos sobre ela. Em sentido próximo, Briet (1951) escreveu a obra "*Qu'est-ce la documentation?*" abordando uma inovação conceitual acerca da definição de documento e fazendo uma extensão de definições concebidas pelo teórico.

O estudo de Briet (1951) registra o seu pensamento, ao utilizar a espécie animal para exemplificar que até mesmo animais e espécimes naturais poderiam ser considerados documentos. A título de exemplo, um antílope quando catalogado, após sua captura, poderá se tornar um objeto informacional e, portanto, documento, podendo ser utilizado em pesquisas, registros jornalísticos, dentre outros usos informacionais. Com esses pressupostos se iniciou uma nova fase do que poderia se considerar documento.

E é nesta teoria de documento para além dos objetos bidimensionais de papel que se compreende o estandarte enquanto suporte documental e detentor de informações capazes de se referir a grupos sociais, regiões geográficas e marcos temporais. Isso só é

possível, pois o objeto consegue estabelecer uma relação entre os indivíduos que com ele coabita. Para melhor explicar essa relação se observam as considerações de Meneses (1980).

[...] aquilo que falta ao homem ele investe no objeto. Aquilo que o homem é incapaz de ser, ele procura nos elementos externos a sua própria realidade imediata, para garantir a invulnerabilidade, a permanência, a legitimação da sua ação. O objeto (que para essa função é eficiente), vai, em lugar dele, preencher esses vazios (De Meneses, 1980, p. 12).

Neste sentido, a função do objeto é estabelecida junto com a sua origem, uma vez que a ação humana e as modificações culturais irão interferir diretamente em seus usos. Para Meneses (1980), os artefatos produzem efeitos sobre o homem considerando que também possuem funções de conteúdo simbólico, mas só podem ser considerados documentos quando a sua função primeira é ultrapassada pela função informacional. Ou seja, para que tal peça seja considerada um documento, sua natureza funcional é alterada, sendo em alguns casos, inclusive, abandonada e sacralizada.

Em contrapartida, Buckland (1991) traz o conceito de “informação-como-coisa”, onde o objeto carrega em si informações a respeito do contexto histórico em que ele está inserido, da atividade que ele desenvolve e/ou da sua relação com o meio social, com isso ele traz da sinonímia de “evidência”.

Se alguma coisa não pode ser vista como evidência, então é difícil entender que possa ter alguma relação com a informação. Se tiver um valor no sentido de informação, então poderia ser tomada como evidência de alguma coisa. “Evidência” parece ser próxima o bastante ao sentido de informação-como-coisa considerando o seu uso como um sinônimo (Buckland, 1991, p. 4).

Nos estudos da neodocumentação a discussão para além da materialidade do documento é o grande ponto chave para entender os objetos como documento, uma corrente que “privilegia o documento quanto às relações de poder que o envolvem enquanto objeto produzido pelo homem, portanto, relações localizadas histórica, social e politicamente” (Ortega; Saldanha, 2017, seção 5, para. 1).

Dentro dos estudos da neodocumentação a linha de pensando de Niels Lund se inicia “de um percurso que vai do plano conceitual ao plano metaepistemológico, a saber: reconstruindo um olhar crítico e uma amplitude documentalista [...] do conceito de documento” (Ortega; Saldanha, 2017, seção 3, para. 6). Adentrando também no campo das discussões sobre artefatos, enfrentando uma visão simplória sobre as condições simbólicas

dos artefatos, sua materialidade, e o distanciamento das questões culturais que o cercam (Ortega; Saldanha, 2017).

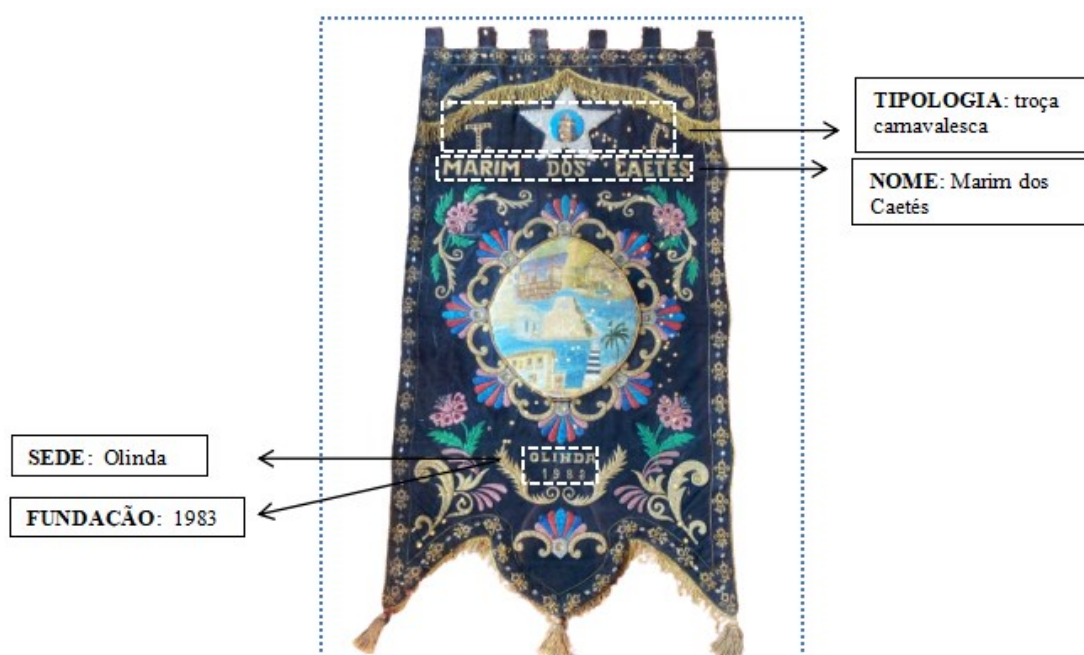
De encontro a materialidade, Bern Frohman reforça a importância do critério para o estudo do documento. Para ele o documento é decorrente da prática social e engloba variados aspectos socioculturais:

[...] 'documento' em uma linha de reflexão 'neodocumental', de fundo frohmanniano, repercute condicionantes políticas plurais e em luta social constante. Trata-se de postular que, por trás do conceito, situa-se, desde Otlet, um fundamento geopolítico de extrema relevância para as conformações sociais (Ortega; Saldanha, 2017, seção 3, para. 20).

É neste englobado de visões que o estandarte é compreendido, enquanto uma evidência humana. Dado que, as informações contidas nele são utilizadas pelos usuários através da pesquisa, descrição, análise, categorização, identificação e, até mesmo, comparação, com a finalidade de compreender dinâmicas, contextos e acontecimentos sociais. Além de ser uma forma de reafirmação identitária e reconhecimento cultural.

Algumas das informações encontradas no estandarte dizem respeito a tipologia da agremiação bem como informações geográficas e datas corroborando ainda mais com o fato do objeto registrar toda uma história extrínseca a ele. Seus próprios simbolismos visuais também carregam história, como por exemplo a Troça Marim dos Caetés, de onde o nome é advindo de origem indígena e se referia a cidade de Olinda-PE, pois era ainda uma pequena vila.

Após uma pesquisa se supõe que a escolha do nome tenha essa relação com a história da cidade visto que o seu brasão simboliza pontos mais turísticos e históricos da cidade de Olinda-PE como o farol e o sobrado Mourisco que foi construído no Brasil colonial. É possível também visualizar uma imagem de um indígena, o que reforça a suposição da origem do nome da agremiação.

FIGURA 1 – Estandarte exposto no Paço do Frevo da Troça Carnavalesca Marim dos Caetés

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Partindo do simbolismo, o estandarte possui valor indiscutível ao passo que preserva a memória e a cultura das agremiações. Pelo lado estético, é marcado por cores, formatos e textura que também conseguem expressar a identidade que carrega consigo e é espalhada pelo mundo por meio das festas carnavalescas.

Como documento, esse objeto possui informações advindas de significados que foram atribuídos, de forma que é possível compreender como as relações entre indivíduo e identidade, identidade e cultura, cultura e religião, e religião e indivíduo acontecem dentro e fora dos grupos festivos. Deste modo, os aspectos visuais, sonoros e subjetivos transformam o estandarte em um objeto representativo de cuidado, apreço e reconhecimento, além de proporcionar visitas à história da comunidade que está inserido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo conseguiu perceber que o estandarte é um objeto indispensável quando se pensa em agremiações de frevo, assim como é primordial para identificar informações referentes aos grupos que pertencem às agremiações, ao contexto sociocultural que estão inseridos e às práticas realizadas por eles.

Por meio dos estudos do documento, adentrando nas discussões da neodocumentação é possível inserir o estandarte nas discussões da Ciência da Informação que cresce em discussões em torno de objetos com valor documental. Mesmo crescente, limita-se em muitas discussões aos arquivos e documentos, seja físico ou documental, restringindo uma valiosa discussão cultural com a inserção de objetos que muitas das vezes se encontram apenas no arcabouço de discussões museológicas.

Retomando autores como Michael Buckland, Niels Lund, Bern Frohmann, dentre outros é possível visualizar a função documental que o estandarte carrega consigo, reforçando a ideia de “evidência” vista anteriormente, considerando as relações e seus usos.

Fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento, o artigo buscou trazer as discussões principais levantadas na pesquisa, que pretende seguir com uma análise do objeto em questão, os estandartes, que estão custodiados pela instituição Paço do Frevo.

O frevo que ecoa nas ruas durante os cinco dias de carnaval, ganhou em 2014 um espaço dedicado totalmente a ele: O Paço do Frevo. Localizado no bairro do Recife em Recife-PE, foi inaugurado como um Centro de Referência em salvaguarda do frevo e disponibiliza uma longa imersão na cultura do carnaval Pernambucano. Dentre as exposições e seu acervo custodiado, encontram-se os estandartes que estão expostos em longa duração e foram escolhidos por representar um dos principais simbolismos do frevo em Pernambuco. Através dessa análise foi possível visualizar na prática todo o contexto informacional que cerca o objeto e que serve de base para discussões na Ciência da Informação.

Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES).

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco e a CAPES pelo incentivo à pesquisa durante os dois anos de mestrado acadêmico.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Yêda (coord.). **Frevo**. Brasília, DF: IPHAN, 2016. (Dossiê IPHAN ; 14). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossielphan14_Frevo_web.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

BENJAMIN, Roberto. **Heráldica dos Estandartes do Carnaval de Pernambuco**: Estudo dos estandartes do acervo do Museu do Folclore da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: FUNDAJ, 1990.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques/ÉDIT, 1951. Disponível em: <http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os polos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Tradução: Luciane Artêncio. Disponível em: <https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/BUCKLAND%20Information%20as%20thing>. Acesso em: 14 jun. 2024

CHAUÍ, Marilena. Cultura e Democracia. **Crítica y Emancipación**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 53-76, jun. 2008. Semestral. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chauí%20Cultura%20e%20Democracia.pdf. Acesso em: 13 jun. 2024

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O objeto material como documento**. São Paulo: IAB ; CONDEPHAAT, 1980. [Aula ministrada no Curso "Patrimônio Cultural: Políticas e Perspectivas"].

ORTEGA, Cristina Dotta; SALDANHA, Gustavo Silva. A noção de documento desde Paul Otlet e as propostas neodocumentalistas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. 20p. GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104362>. Acesso em: 5 jul. 2024.

OTLET, Paul. **Tratado de Documentação**: o livro sobre o livro – teoria e prática. Tradução de: Taiguara Villela Aldabalde *et al.* Brasília: Briquet de Lemos, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003043331.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.



RABELLO, Rodrigo. **A face oculta do documento**: tradição e inovação no limiar da Ciência da informação. 2009. 331 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103372>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SILVA, Armando Malheiro da. O método quadripolar e a pesquisa em ciência da informação. **Prisma. com**, n. 26, p. 27-44, 2014. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/1861>. Acesso em: 8 ago. 2024

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife**. Pernambuco: Prefeitura da Cidade do Recife, 2019.

VALENTE, Waldemar. Gonfalões – bandeiras e estandartes. *In*: SOUTO MAIOR, Mário; SILVA, Leonardo Dantas (org.). **Antologia do Carnaval do Recife**. Recife: Massangana ; FUNDAJ, 1991.

Declaração de Contribuição dos Autores

Laura Mendes Selva – Conceptualização – Análise Formal – Administração do Projeto – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (análise e edição).

Erinaldo Dias Valério – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Investigação – Metodologia – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Como citar o artigo:

SELVA, Laura Mendes; VALÉRIO, Erinaldo Dias. Estandartes de Frevo: suporte documental da cultura e sociedade pernambucanas. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 8, p. e36867, 2024. DOI: <http://doi.org/10.21680/2447-0198.2024v8n1ID36867>.

